

TERMINOLOGIA EM LIBRAS E PRÁTICA INTERPRETATIVA: O PAPEL DOS SINAIS-TERMO NA MEDIAÇÃO ENTRE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA**Falk Soares Ramos Moreira¹**

Instituto Federal de Brasília

Lauanda Beatriz Matos Costa²

Instituto Federal de Brasília

Resumo:

Este artigo discute as interfaces entre terminologia, sinais-termo e tradução no contexto da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com foco na mediação linguística em ambientes educacionais. Parte-se da compreensão de que os sinais-termo constituem unidades linguísticas responsáveis pela representação de conceitos especializados, desempenhando papel central na organização do conhecimento. A partir de estudos sobre Terminologia em Libras e do uso de sinais-termo na descrição de estruturas discute-se como a sistematização dessas unidades pode qualificar a prática tradutória e interpretativa, especialmente em contextos educacionais inclusivos nos quais atuam tradutores e intérpretes de Libras. Argumenta-se que a atuação de tradutores e intérpretes demanda não apenas equivalência linguística, mas domínio conceitual dos conteúdos. Nesse sentido, a sistematização terminológica contribui para maior precisão na interpretação, especialmente no ensino de português como segunda língua para surdos. Conclui-se que a articulação entre os estudos terminológicos e a formação de tradutores e intérpretes contribui para maior precisão conceitual na interpretação e amplia as possibilidades de mediação do conhecimento em contextos educacionais.

Palavras-chave: Sinais-termo; Terminologia em Libras; Tradução e interpretação; Educação de surdos

Abstract:

This article discusses the interfaces between terminology, term signs, and translation in the context of Brazilian Sign Language (Libras), focusing on linguistic mediation in educational settings. It is based on the understanding that term signs constitute linguistic units responsible for representing specialized concepts and therefore play a central role in the organization of knowledge. Drawing on studies of Libras terminology and the use of term signs in the description of linguistic structures, the article discusses how the systematization of these units can enhance translation and interpreting practices, particularly in inclusive educational contexts involving Libras translators and interpreters. It argues that the work of translators and interpreters requires not only linguistic equivalence but also a sound conceptual

¹ Doutor em Linguística, pesquisador de Léxico e Terminologia na Universidade de Brasília - UnB; mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília; graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB (2006) e graduado em Letras/Libras - UFSC (2010). Atualmente está como Professor de Libras do Instituto Federal de Brasília - IFB. <https://orcid.org/0000-0002-4190-8715>

² Graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Especialista em Língua Brasileira de Sinais e também em Neuropedagogia e Psicanálise/ Educação Especial Inclusiva. Mestre em Estudos da Tradução na Universidade de Brasília.

understanding of the subject matter. In this sense, terminological systematization contributes to greater accuracy in interpreting, especially in the teaching of Portuguese as a second language for deaf learners. The article concludes that integrating terminological studies with the education and training of translators and interpreters contributes to greater conceptual precision in interpreting and expands the possibilities for knowledge mediation in educational contexts.

Keywords: Term signs; Brazilian Sign Language (Libras) terminology; Translation and interpreting; Deaf education.

1. Introdução

A discussão sobre Terminologia³ em Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem ganhado destaque nas pesquisas linguísticas e educacionais, especialmente no que se refere à organização conceitual de sinais utilizados em contextos especializados. Estudos desenvolvidos por Faulstich (2003, 2012, 2015), Felten (2016), (Prometi (2020) e Tuxi (2017) sobre sinais-termo têm demonstrado que essas unidades desempenham papel fundamental na representação de conceitos em diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para a estruturação semântica da língua.

A criação e a sistematização de sinais-termo ampliam as possibilidades de representação de conceitos especializados em Libras, favorecendo a circulação do conhecimento em diferentes contextos sociais e educacionais. No âmbito da tradução e da interpretação entre Libras e Língua Portuguesa, essas unidades terminológicas constituem importante recurso para a mediação de conteúdos especializados, uma vez que auxiliam o tradutor e intérprete na construção de sentidos entre línguas de modalidades distintas. Nessa perspectiva, a atuação do tradutor e intérprete de Libras exige mais do que a busca por equivalências linguísticas entre unidades lexicais. Conforme Nida (1964) e Koller (1995), a equivalência em tradução corresponde à construção de relações de sentido condicionadas pelo contexto comunicativo, e não à correspondência absoluta entre formas linguísticas. Assim, a mediação de conceitos especializados demanda, além da competência linguística, domínio conceitual da área de conhecimento e familiaridade com a terminologia empregada.

Historicamente, o ensino da Língua Portuguesa para estudantes surdos no Brasil foi marcado por abordagens oralistas, centradas na repetição, na cópia e na simplificação de conteúdos, o que limitou o desenvolvimento conceitual dos estudantes surdos (MARCHESI,

³ Neste artigo, o termo *Terminologia* é grafado com inicial maiúscula quando se refere ao campo científico dedicado ao estudo dos conceitos, termos e linguagens especializadas, conforme a tradição da Teoria Geral da Terminologia e dos estudos terminológicos. Quando empregado para designar o conjunto de termos de uma área específica, utiliza-se "terminologia" em minúscula.

1991; LANE; HOFFMEISTER; BAHAN, 1996; PEREIRA, 2011). Com o reconhecimento legal da Libras por meio da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005, consolida-se a perspectiva da educação bilíngue, na qual a Libras assume o papel de primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa escrita, de segunda língua (L2), exigindo a reorganização das práticas pedagógicas.

Nesse contexto, o domínio da L1 constitui condição essencial para a aprendizagem da L2, uma vez que fornece base linguística e conceitual para a construção de significados (Almeida Filho & Cunha, 2007; Spinassé, 2006; Pereira, 2014). Tal compreensão implica reconhecer a aprendizagem como um processo de mediação entre sistemas linguísticos, no qual a Libras atua como suporte para a construção do conhecimento em Língua Portuguesa (Quadros & Schmiedt, 2006; Avelar & Freitas, 2016).

Este artigo parte do pressuposto de que a Terminologia em Libras constitui um recurso estratégico para a atuação de tradutores e intérpretes, uma vez que os sinais-termo possibilitam a representação consistente de conceitos especializados durante o processo tradutório. Nessa perspectiva, a organização terminológica contribui para ampliar a precisão conceitual da interpretação entre Libras e Língua Portuguesa, particularmente em contextos educacionais inclusivos, nos quais o tradutor e intérprete atua como mediador linguístico.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da Terminologia em Língua Brasileira de Sinais, especialmente da criação e sistematização de sinais-termo, para a formação e a prática de tradutores e intérpretes de Libras na mediação de conceitos especializados entre Libras e Língua Portuguesa. Parte-se do problema de que, embora os estudos terminológicos em Libras tenham avançado na sistematização de sinais-termo, ainda são limitadas as investigações que articulam esses estudos à formação e à atuação profissional de tradutores e intérpretes de Libras.

2. Referencial teórico

2.1 Políticas linguísticas e harmonização entre Libras e Língua Portuguesa

A educação bilíngue para surdos no Brasil envolve a convivência entre duas línguas de modalidades distintas: a Libras, visuoespacial (Quadros; Karnopp, 2004), e a Língua Portuguesa, oral-auditiva e escrita. Nesse contexto, torna-se necessária a construção de políticas linguísticas que possibilitem a coexistência dessas línguas nos espaços educacionais. De acordo com Faulstich (2015), uma forma de promover essa coexistência é por meio do

processo de harmonização linguística. Essa harmonização é entendida como uma estratégia teórica e metodológica que busca organizar e articular diferentes sistemas linguísticos em contextos bilíngues, considerando que as línguas não devem competir entre si, mas atuar de forma complementar na construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, a noção de harmonização linguística constitui um referencial teórico-metodológico relevante, pois pressupõe a organização e a articulação de sistemas linguísticos sem hierarquização. Tal abordagem desloca a compreensão tradicional de bilinguismo ao enfatizar a integração entre línguas de modalidades distintas. Ao discutir Políticas Linguísticas, Faulstich (2016) destaca a distinção entre Políticas de Língua e Políticas Linguísticas, subdivididas em dimensões internas e externas. Essas Políticas incidem diretamente sobre a organização do ensino, a produção de materiais didáticos e as práticas de mediação linguística. No caso da educação de surdos, essa distinção evidencia que a presença da Libras na escola vai além do reconhecimento formal, envolvendo condições efetivas de uso e circulação da língua.

No âmbito deste estudo, a harmonização linguística constitui o fundamento teórico que sustenta a organização terminológica em Libras, ao propor a articulação entre Libras e Língua Portuguesa sem relações de hierarquia ou subordinação. Nessa perspectiva, a construção e a sistematização de sinais-termo favorecem a representação consistente de conceitos especializados, permitindo sua circulação entre as duas línguas com maior estabilidade conceitual. Desse modo, a Terminologia configura-se como um instrumento de harmonização linguística, ao organizar o conhecimento especializado e contribuir para a articulação entre sistemas linguísticos de modalidades distintas. Essa organização terminológica oferece subsídios para a atuação de tradutores e intérpretes de Libras, que mobilizam os sinais-termo na mediação de conceitos especializados entre Libras e Língua Portuguesa. Assim, a mediação linguística, compreendida neste trabalho como o processo de construção de sentidos entre essas línguas, é fortalecida pela sistematização terminológica, favorecendo maior precisão conceitual na prática interpretativa e ampliando as possibilidades de circulação do conhecimento em contextos educacionais.

2.2 A organização conceitual em Libras e ao papel dos sinais-termo na mediação de conceitos especializados

A construção de conceitos especializados em Libras depende da disponibilidade de recursos linguísticos capazes de representar conhecimentos próprios de diferentes áreas.

Nesse contexto, os sinais-termo desempenham papel relevante ao possibilitar a organização terminológica da língua e favorecer a representação consistente de conceitos especializados.

A organização de uma primeira língua (L1) estruturada é condição essencial para a aprendizagem de uma segunda língua (L2). No caso dos estudantes surdos, a Libras constitui a língua natural e desempenha papel fundamental na construção de conhecimentos linguísticos e conceituais que servirão de base para a aprendizagem da Língua Portuguesa escrita. Quando a L1 não está suficientemente estruturada, o processo de aquisição da L2 tende a apresentar fragilidades, especialmente na compreensão de estruturas linguísticas e na construção de sentidos. Em muitos contextos educacionais, estudantes surdos são expostos simultaneamente à Libras e ao ensino da Língua Portuguesa, o que pode comprometer a consolidação de ambas as línguas. Isso ocorre sobretudo na ausência de metodologias adequadas ao ensino do português como segunda língua.

Observa-se, assim, a necessidade de abordagens pedagógicas que reconheçam a Libras como língua de base para o desenvolvimento da L2. A aprendizagem da Língua Portuguesa, nessa perspectiva, não se dá por mera memorização de regras gramaticais, mas por meio de processos de mediação linguística e transferência conceitual. Nesses processos, os conhecimentos construídos na L1 são mobilizados para a compreensão da L2. A relação entre L1 e L2, portanto, deve ser compreendida como um processo articulado de construção linguística e cognitiva, no qual a Libras exerce função estruturante. Essa compreensão implica reconhecer que o acesso aos conteúdos acadêmicos depende, em grande medida, da organização conceitual possibilitada pela L1.

No âmbito da mediação linguística, essa relação assume relevância ainda maior. A atuação de tradutores e intérpretes de Libras ocorre, frequentemente, em contextos nos quais a compreensão da L2 pelos estudantes surdos está em desenvolvimento. Nesses casos, a mediação interpretativa não envolve apenas a transposição entre línguas, mas a construção de pontes conceituais entre sistemas linguísticos distintos. Assim, a ausência de uma base sólida na L1 pode resultar em dificuldades não apenas no aprendizado da Língua Portuguesa, mas também na interpretação de conteúdos acadêmicos. Tal cenário reforça a importância da organização conceitual em Libras como estratégia para sustentar tanto o ensino quanto os processos de tradução e interpretação.

Portanto, a organização conceitual em Libras, especialmente por meio dos sinais-termo, mostra-se fundamental para o desenvolvimento da Língua Portuguesa como segunda língua. Essa abordagem garante que o estudante surdo não seja privado de uma base linguística sólida, essencial para sua trajetória escolar. Dessa forma, Políticas linguísticas e práticas

pedagógicas devem priorizar a consolidação da Libras como L1 antes ou simultaneamente ao ensino da L2. A harmonização entre as duas línguas, respeitando suas especificidades, é o caminho para uma educação bilíngue verdadeiramente inclusiva. Sem essa base, os processos de ensino e mediação permanecem fragilizados e aquém de suas potencialidades.

Assim, a organização terminológica em Libras, materializada por meio dos sinais-termo, constitui elemento fundamental para a representação de conceitos especializados e para a atuação de tradutores e intérpretes em contextos educacionais. Nessa perspectiva, a Terminologia deixa de ser apenas um campo de descrição linguística e passa a desempenhar papel estratégico na mediação do conhecimento entre Libras e Língua Portuguesa.

2.3 Terminologia em Libras e criação de sinais-termo

No âmbito das línguas de sinais, os estudos terminológicos realizados por desenvolvidos por Faulstich (2003, 2012, 2015), Felten (2016), (Prometi (2020) e Tuxi (2017) buscam compreender de que forma conceitos especializados podem ser representados linguisticamente em contextos de uso específico. Nesse cenário, os sinais-termo assumem papel central na organização conceitual Libras, especialmente em áreas do conhecimento que demandam precisão semântica. A proposta de ampliação da terminologia para as línguas de sinais, conforme discutida por Faulstich (2012), permite distinguir três níveis analíticos fundamentais: sinal, termo e sinal-termo.

O sinal corresponde ao sistema linguístico que constitui as línguas de sinais e às propriedades utilizadas pela comunidade surda. Já o termo refere-se às unidades linguísticas que designam conceitos especializados em determinadas áreas do conhecimento. O sinal-termo, por sua vez, consiste na adaptação desses termos para a modalidade visuoespacial da Libras, possibilitando a representação conceitual em contextos especializados. Conforme argumenta Prometi (2020), é recorrente a confusão entre sinais do léxico comum e sinais-termo, especialmente em contextos educacionais, o que pode produzir deslocamentos de sentido e comprometer a construção do conhecimento.

Dessa forma, Tuxi (2017) traz que os sinais-termo podem ser compreendidos como unidades de mediação entre linguagem e conhecimento, desempenhando papel estratégico nos processos de tradução e interpretação entre Libras e Língua Portuguesa.

Nesse contexto, o desenvolvimento de repertórios bilíngues, como glossários, dicionários e enciclopédias em Libras, constitui uma estratégia fundamental para a organização e disseminação da terminologia especializada. Esses instrumentos não apenas

registram sinais-termo, mas também contribuem para a estabilização de usos linguísticos em diferentes áreas do conhecimento. Entretanto, a elaboração de obras terminológicas demanda critérios rigorosos de descrição lexicográfica, especialmente no que se refere à distinção entre léxico comum e léxico especializado.

O léxico comum compreende as unidades linguísticas utilizadas nas interações cotidianas de uma comunidade, enquanto o léxico especializado reúne unidades lexicais vinculadas a domínios específicos do conhecimento, nas quais a relação entre forma linguística e conceito assume maior grau de precisão. No âmbito da Libras, essa distinção é evidenciada pela diferenciação entre sinais de uso geral e sinais-termo, estes últimos empregados para representar conceitos especializados em áreas científicas, técnicas e profissionais Faulstich (2003, 2012, 2015) e Tuxi (2017).

Sob a perspectiva dos Estudos da Tradução, essa problemática adquire relevância ainda maior, pois a inexistência ou instabilidade de sinais-termo em Libras impõe desafios ao processo interpretativo. Conforme Baker (1992), a tradução não se constitui como uma substituição direta de unidades linguísticas, uma vez que diferentes línguas organizam e expressam sentidos de maneiras particulares, podendo ocorrer situações de não equivalência lexical e conceitual.

Nesses contextos, o tradutor ou intérprete mobiliza estratégias de reformulação, explicitação e adaptação para reconstruir sentidos na língua-alvo Chesterman (1989); Pöchhacker (2016). No campo da interpretação em línguas de sinais, Napier (2002; 2016) evidencia que os intérpretes mobilizam estratégias linguísticas e cognitivas para lidar com desafios decorrentes da diferença entre as línguas envolvidas, incluindo processos de reformulação, omissão estratégica e tomada de decisão durante a interpretação.

Sua sistematização contribui para a construção de repertórios conceituais mais estáveis, favorecendo práticas interpretativas mais precisas e coerentes com as demandas dos contextos educacionais. A criação de sinais-termo exige um trabalho sistemático de análise conceitual, que ultrapassa a simples equivalência entre palavras e sinais.

A existência de sinais-termo consolidados não elimina o caráter interpretativo da tradução, mas oferece ao tradutor/intérprete unidades terminológicas compartilhadas que podem auxiliar na construção de sentidos especializados em Libras e Língua Portuguesa. Assim, investir na terminologia da Libras é investir na qualidade da mediação linguística e na própria educação bilíngue para surdos. Sem essa base, os processos interpretativos permanecem fragilizados e sujeitos a imprecisões conceituais.

2.4 Formação dos sinais-termo e unidades terminológicas

A formação de sinais-termo em Língua Brasileira de Sinais (Libras) não ocorre de maneira arbitrária, mas está diretamente vinculada à organização conceitual dos conteúdos que se pretende representar. Assim como no léxico das línguas orais, essas unidades podem ser constituídas por formas simples ou por combinações mais complexas, cuja estrutura reflete diferentes níveis de especificação conceitual.

Nesse contexto, diferentes propostas teóricas têm buscado descrever a organização das unidades terminológicas em Libras. Entre elas, destacam-se as Unidades Terminológicas Sinalizadas (UTS), propostas por Faria-Nascimento (2009), as Unidades Terminológicas Complexas (UTC), apresentadas por Faulstich (2003), e as Unidades Terminológicas Complexas Sinalizadas (UTCS), desenvolvidas por Felten (2016), que evidenciam a possibilidade de construção de termos a partir da combinação de elementos linguísticos e conceituais. As UTS referem-se a unidades terminológicas representadas por sinais que correspondem a conceitos específicos em determinada área do conhecimento.

A discussão sobre unidades terminológicas em Libras fundamenta-se inicialmente nos estudos da Terminologia, especialmente na compreensão de que os conceitos especializados podem ser representados por unidades simples ou complexas. Nesse sentido, Faulstich (2003) propõe o conceito de Unidades Terminológicas Complexas (UTC), evidenciando que determinados conhecimentos especializados são lexicalizados por estruturas compostas, cuja interpretação depende da relação entre seus elementos e o conceito representado. A partir dessa perspectiva, Faria-Nascimento (2009) amplia a discussão para as línguas de sinais ao propor as Unidades Terminológicas Sinalizadas (UTS), reconhecendo que a Libras também possui mecanismos próprios para a constituição de unidades terminológicas em diferentes áreas do conhecimento. Posteriormente, Felten (2016) aprofunda essa abordagem ao propor as Unidades Terminológicas Complexas Sinalizadas (UTCS), articulando a noção de complexidade terminológica apresentada por Faulstich às especificidades linguísticas da Libras. Dessa forma, essas propostas estabelecem um percurso teórico que parte da Terminologia geral e avança para modelos capazes de explicar a organização e o funcionamento de unidades especializadas em línguas de sinais.

Figura 1: Unidades Terminológicas Sinalizada – UTS

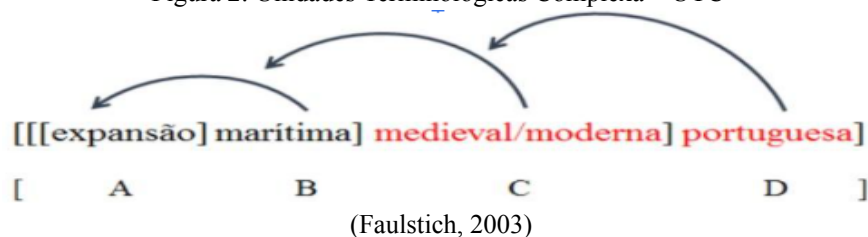
BASE (CM +OP + PA)
- significado da base: Tela de TV ou de monitor de computador

PRODUTO – derivações sufixais
Videoconferência ^{vi}
Ambiente virtual de aprendizagem - AVEA ^{vii}
hipertexto ^{viii}
Instalação de programa ^{ix}
Envio de mensagens (emails) ^x
Legenda ^{xi}
Participação virtual
Frequência ao AVEA etc.

Fonte: Faria-de-Nascimento (2009, p. 99).

A Figura 1 exemplifica a organização interna de uma Unidade Terminológica Sinalizada (UTS), evidenciando a relação entre uma base conceitual e os elementos responsáveis pela delimitação e ampliação do significado especializado. Observa-se que a constituição dessas unidades ocorre a partir de relações semânticas estabelecidas entre o sinal-base e os elementos que contribuem para a especificação do conceito em determinado domínio de conhecimento. Essa organização não corresponde a uma reprodução direta das estruturas terminológicas do português, mas evidencia os mecanismos próprios da Libras para a representação de conhecimentos especializados. Sua identificação baseia-se no **Construto F** de Faulstich (2003), no qual termos complexos se formam a partir de uma base geral (A) predicada por especificadores (B, C, D) que agregam valor semântico especializado. Nesse sentido, a análise das unidades terminológicas sinalizadas considera tanto a dimensão conceitual do termo quanto os recursos linguísticos específicos das línguas de sinais.

Figura 2: Unidades Terminológicas Complexa – UTC



Termo formado por outras unidades lexicais:

- A – Conceito inicial
- B – Tipo (marítima, terrestre, espacial)
- C – Período
- D – Origem

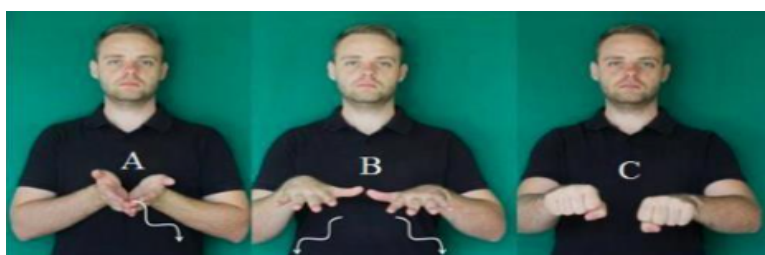
Conforme ilustrado na Figura 2, a organização das UTC evidencia a articulação entre diferentes elementos conceituais na formação terminológica. No âmbito das línguas de sinais,

as UTCS constituem estruturas mais complexas, formadas pela combinação de diferentes unidades lexicais sinalizadas que, em conjunto, representam um conceito especializado.

Unidades Terminológicas Complexa Sinalizada – UTCS (Felten, 2016)

O Sinal-termo de EXPANSÃO MARÍTIMA como uma UTCS formada por três outras unidades lexicais sinalizadas: (A) EMBARCAÇÃO, (B) MOVIMENTO DO MAR classificador, e (C) CONQUISTA.

Figura 3: Unidades Terminológicas Complexa Sinalizada – UTCS

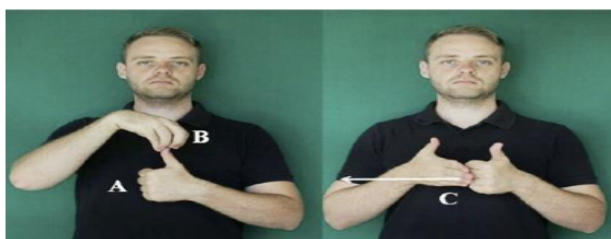


Fonte: Felten (2016, p. 108).

Unidades Terminológicas Complexa Sinalizada – UTCS (Felten, 2016)

O Sinal-termo de PRIMEIRO REINADO como uma UTCS formada por três outras unidades lexicais sinalizadas: (A) PRIMEIRO/UM, (B) COROA prototípica, e (C) PERÍODO.

Figura 4: Unidades Terminológicas Complexa Sinalizada – UTCS



Fonte: Felten (2016, p. 109).

As Figuras 3 e 4 evidenciam que a formação de sinais-termo em Libras envolve a combinação de unidades que expressam relações conceituais, e não apenas a soma de elementos lexicais. Felten (2016) aplicou esse modelo à terminologia da História do Brasil,

destacando que os especificadores nem sempre pertencem ao léxico comum, mas ao especializado, formando um contínuo conceitual do geral ao específico.

Mais do que categorias descritivas, essas propostas evidenciam que a formação dos sinais-termo envolve um processo de organização conceitual que se materializa linguisticamente. A combinação de unidades não se dá apenas por critérios formais, mas pela necessidade de representar relações entre conceitos, o que reforça o caráter não linear da construção terminológica em línguas de modalidade visuo-espacial.

Essa característica tem implicações relevantes para a mediação linguística. Em contextos de tradução e interpretação, a compreensão da estrutura interna dos sinais-termo torna-se fundamental para a reconstrução de sentidos entre Libras e Língua Portuguesa. Quando essas estruturas não são reconhecidas ou compreendidas, há maior risco de simplificação ou de perda de especificidade conceitual durante o processo interpretativo.

Além disso, a organização das unidades terminológicas em Libras evidencia que a terminologia não se limita à correspondência entre termos e sinais, mas envolve a articulação de estruturas linguísticas que expressam relações conceituais complexas. O objeto terminológico, portanto, não é simplesmente uma unidade lexical criada para substituir um termo em português, mas uma representação linguística vinculada a um conceito construído socialmente e validado em determinado campo de conhecimento. Essa perspectiva desloca a compreensão da terminologia como um inventário de equivalências, aproximando-a de uma abordagem dinâmica, centrada na construção de significados.

Dessa forma, a análise das unidades terminológicas sinalizadas contribui para compreender como o conhecimento especializado é estruturado na Libras e como essa estruturação impacta diretamente os processos de tradução e interpretação. Ao reconhecer a complexidade dessas formações, torna-se possível avançar na construção de práticas interpretativas mais precisas e alinhadas às demandas dos contextos educacionais bilíngues.

2.5 Procedimentos metodológicos em pesquisas sobre sinais-termo

A investigação em Terminologia em Língua Brasileira de Sinais (Libras) envolve procedimentos metodológicos que articulam dimensões linguísticas, conceituais e sociais, com o objetivo de assegurar a adequação e a validade dos sinais-termo produzidos. Esses estudos não se limitam à criação de unidades lexicais, mas compreendem um processo sistemático de análise e validação, fundamentado em critérios teóricos e empíricos, conforme evidenciado em pesquisas de Faulstich (2014), Tuxi (2017) e Moreira (2021).

De modo geral, a literatura da área indica que as pesquisas se organizam a partir da delimitação de um domínio especializado, seguida da identificação e definição dos conceitos que compõem esse campo. Essa etapa inicial é fundamental para garantir precisão terminológica, uma vez que a construção de sinais-termo depende diretamente da clareza conceitual dos termos envolvidos.

Em pesquisas como as desenvolvidas por Tuxi (2017) e Moreira (2021), os sinais-termo propostos são submetidos a processos de validação junto à comunidade surda, envolvendo participantes com diferentes perfis, conforme os objetivos de cada investigação. Essa etapa é essencial para verificar aspectos como aceitabilidade, inteligibilidade e funcionalidade dos sinais, garantindo que as unidades produzidas sejam efetivamente incorporadas ao uso linguístico.

Do ponto de vista metodológico, essa validação coletiva reforça o caráter social da língua e assegura que a terminologia desenvolvida não se restrinja a construções individuais ou institucionais. Além disso, contribui para a estabilização dos sinais-termo, favorecendo sua circulação em contextos educacionais e acadêmicos.

Nesse sentido, os procedimentos metodológicos adotados nas pesquisas em terminologia em Libras evidenciam que a construção de sinais-termo envolve um processo rigoroso de articulação entre conceito, linguagem e uso social. Ainda que os procedimentos metodológicos não sejam idênticos em todas as pesquisas, observa-se uma convergência quanto à necessidade de integrar esses diferentes níveis de análise para garantir maior consistência às propostas terminológicas em Libras. Essa perspectiva é fundamental para sustentar práticas de mediação linguística mais precisas, especialmente em contextos de tradução e interpretação entre Libras e Língua Portuguesa.

2.6 Unidade Terminológica Conceitual (UTCt)

A proposta da Unidade Terminológica Conceitual (UTCt) fundamenta-se nos estudos de Faulstich (2003), amplia a compreensão das unidades terminológicas para além do nível lexical. Diferentemente das abordagens centradas exclusivamente no nível lexical, a UTCt configura-se como uma estrutura funcional que articula relações sintáticas e conceituais, possibilitando a construção de significados em contextos bilíngues.

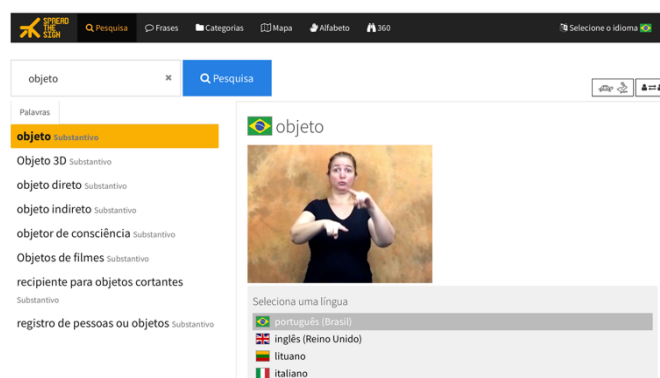
No contexto do ensino de português como segunda língua para estudantes surdos, observa-se que determinadas categorias gramaticais apresentam dificuldades recorrentes de compreensão. Entre essas, destacam-se conceitos como “sujeito” e “objeto”, cuja apreensão

não depende apenas da forma linguística, mas da compreensão de suas funções na estrutura sintática.

A análise de materiais lexicográficos e plataformas digitais evidencia limitações na representação desses conceitos em Libras. Em muitos casos, os sinais disponíveis associam-se a elementos do léxico comum, sem contemplar a complexidade conceitual dos termos gramaticais. Essa limitação evidencia um descompasso entre a representação linguística em Libras e a organização conceitual da gramática do português, resultando em possíveis desvios de compreensão por parte dos estudantes surdos. Tal problemática torna-se ainda mais evidente quando se analisam registros em plataformas digitais, que frequentemente reproduzem essas simplificações terminológicas.

A fonte analisada foi o Spread the Sign, um vocabulário colaborativo internacional que reúne o repertório lexical e terminológico de diferentes línguas de sinais. Disponível em plataforma digital e por aplicativo, o projeto teve início em outubro de 2006, idealizado pelo professor sueco Thomas Lydell-Olsen, com a inserção de sinais de diversas regiões.

Figura 5: Busca do sinal Objeto no Spread theSign



Fonte: Spread theSign – (versão 2026)

A Figura 5 reforça a inconsistência terminológica observada, evidenciando a ausência de correspondência entre o sinal registrado e o conceito gramatical em análise. Nesse sentido, a criação de sinais-termo não pode ser compreendida como uma simples substituição de sinais já existentes, mas como um processo de análise conceitual orientado pela necessidade de representar, de forma adequada, os conceitos envolvidos em áreas de especialidade (Prometi, 2020). Tal perspectiva desloca a compreensão da terminologia em Libras do plano estritamente lexical para um campo de elaboração conceitual, no qual a construção dos sinais está diretamente vinculada à estrutura do conhecimento que se pretende representar.

Conforme destaca Tuxi (2017, p. 85-86), ao retomar os estudos de Faulstich, o sinal-termo constitui-se a partir da abstração mental do conceito que o objeto representa na mente do interpretante — no caso, o sujeito surdo —, respondendo a necessidades contextuais e cotextuais específicas da linguagem de especialidade, que não podem ser plenamente atendidas pelos sinais do léxico comum. Nesse sentido, o sinal-termo resulta de um processo de elaboração conceitual orientado pela definição do objeto, estruturando-se a partir de categorias como iconicidade mental, representação processual e abstração conceitual (Tuxi, 2017).

A relação entre Terminologia e Tradução, historicamente consolidada no âmbito das línguas orais, tem adquirido crescente relevância também nas situações que envolvem línguas de sinais (Oliveira, 2015). Essa articulação torna-se particularmente estratégica no contexto da criação e sistematização de sinais-termo, uma vez que tais unidades operam como mediadoras entre sistemas linguísticos e conceituais distintos.

Desse modo, a distinção entre sinal — enquanto unidade do léxico comum — e sinal-termo — enquanto unidade do léxico especializado — revela-se fundamental para a compreensão dos processos de mediação linguística. A utilização de sinais não especializados para representar conceitos técnicos pode gerar deslocamentos de sentido, comprometendo a precisão terminológica e a construção do conhecimento em contextos bilíngues.

Diante desse cenário, a Unidade Terminológica Conceitual (UTCt) apresenta-se como uma proposta teórico-metodológica capaz de reorganizar a representação desses conceitos em Libras. Ao articular a valência verbal da Língua Portuguesa com a visualidade da Libras, a UTCt possibilita a construção de sinais-termo que expressam relações sintáticas de forma mais precisa e funcional. Nesse contexto, a relação entre sujeito, verbo e objeto, compreendida na Língua Portuguesa como uma organização sintática recorrente expressa pela ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), demanda estratégias de representação que considerem as especificidades da modalidade visual-espacial da Libras.

A pesquisa desenvolvida por Moreira (2021) amplia essa discussão ao propor a Unidade Terminológica Conceitual (UTCt), que articula a estrutura conceitual dos termos com a visualidade da Libras. A proposta considera que os conceitos gramaticais não devem ser reduzidos à transposição de estruturas da Língua Portuguesa para a Libras, mas precisam ser reorganizados a partir das relações estabelecidas entre os elementos que compõem o evento linguístico.

Figura 6: Descrição do sinal-termo -- Ordem SVO



Fonte: Moreira, 2021.

A proposta desenvolvida por Moreira (2021) evidencia que a construção de sinais-termo com base na UTCt contribui para a elaboração de materiais pedagógicos bilíngues mais consistentes, bem como para a qualificação da mediação linguística em contextos educacionais. Do ponto de vista dos Estudos da Tradução, essa abordagem apresenta implicações significativas. Ao possibilitar a representação estruturada de conceitos gramaticais, a UTCt oferece subsídios para práticas interpretativas mais precisas, reduzindo a necessidade de estratégias compensatórias, como paráfrase ou explicitação excessiva.

Dessa forma, a Unidade Terminológica Conceitual configura-se como um instrumento que articula linguagem, conceito e conhecimento, contribuindo para a superação de lacunas terminológicas e para o fortalecimento da mediação linguística entre Libras e Língua Portuguesa. A discussão desenvolvida neste referencial teórico organiza-se em seis eixos principais: (i) Políticas linguísticas e a harmonização entre Libras e Língua Portuguesa; (ii) o papel da Libras como primeira língua na aquisição do português como segunda língua; (iii) a terminologia em Libras e a criação de sinais-termo; (iv) a formação dos sinais-termo e das unidades terminológicas; (v) os procedimentos metodológicos em pesquisas sobre sinais-termo; e (vi) a Unidade Terminológica Conceitual (UTCt).

A articulação desses eixos evidencia que a mediação linguística em contextos educacionais ultrapassa a mera transposição entre línguas, envolvendo, de forma integrada, linguagem, construção conceitual e produção de conhecimento especializado. É nesse cenário que se insere a discussão a seguir, dedicada à tradução e interpretação entre Libras e português, com foco em seus desafios conceituais.

3. Tradução e interpretação entre Libras e português: desafios conceituais

A tradução e interpretação entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa apresentam desafios específicos decorrentes das diferenças entre suas modalidades linguísticas. Enquanto a Libras se constitui como uma língua de modalidade

visuo-espacial, a Língua Portuguesa organiza-se predominantemente nas modalidades oral-auditiva e escrita, o que implica formas distintas de construção, organização e expressão de significados.

Nesse contexto, a tradução entre Libras e português pode ser compreendida como um processo intermodal, no qual não se realiza apenas a transposição entre códigos linguísticos, mas a mediação entre diferentes formas de organização do conhecimento. Tal perspectiva aproxima-se da concepção de tradução intersemiótica proposta por Jakobson (1971), segundo a qual a tradução envolve a interpretação de signos por meio de sistemas semióticos distintos.

No caso da interpretação entre Libras e Língua Portuguesa, esses desafios tornam-se ainda mais complexos em contextos educacionais, nos quais a mediação frequentemente envolve conteúdos especializados de diferentes áreas do conhecimento. Nesses casos, a compreensão conceitual assume papel central, uma vez que a construção do discurso depende da apropriação adequada dos conceitos envolvidos.

Assim, a atuação de tradutores e intérpretes de Libras não se limita ao domínio linguístico das línguas de trabalho, mas exige o desenvolvimento de competências que abrangem dimensões cognitivas, socioculturais e epistemológicas. A mediação linguística, nesse contexto, configura-se como uma prática de construção de sentidos, na qual o intérprete atua como agente ativo na organização e na circulação do conhecimento.

Entretanto, estudos sobre a formação de intérpretes indicam que muitos cursos ainda priorizam o ensino de vocabulário e estruturas linguísticas, nem sempre contemplando de forma aprofundada os fundamentos teóricos dos Estudos da Tradução e da Interpretação (Santos, 2010; Rodrigues, 2018; Luchi e Costa, 2024). Essa lacuna formativa pode impactar diretamente a prática profissional, especialmente em situações que demandam a mediação de conteúdos acadêmicos complexos.

No processo interpretativo, a ausência de sinais-termo consolidados ou a existência de variações terminológicas em Libras pode gerar dificuldades significativas. Nesses casos, o intérprete recorre a estratégias como paráfrase, explicitação ou reformulação discursiva para garantir a compreensão por parte dos estudantes surdos. Embora tais estratégias sejam inerentes ao processo tradutório, seu uso recorrente em decorrência da fragilidade terminológica pode comprometer a precisão conceitual da informação mediada.

Dessa forma, a tradução e interpretação entre Libras e Língua Portuguesa não podem ser compreendidas como processos de equivalência direta, mas como práticas que envolvem a articulação entre linguagem, conceito e conhecimento. Essa compreensão reforça a necessidade de integração entre estudos terminológicos e formação de intérpretes, de modo a

sustentar práticas interpretativas mais precisas e coerentes com as demandas dos contextos educacionais bilíngues.

4. Sinais-termo como apoio à mediação linguística

Os sinais-termo podem ser compreendidos como unidades fundamentais na organização e na mediação de conhecimentos especializados em Língua Brasileira de Sinais (Libras) (Faulstich, 2012; Tuxi, 2017). No contexto da interpretação educacional, seu papel ultrapassa a função de nomeação, configurando-se como elemento estruturante na construção de sentidos em ambientes bilíngues.

Diferentemente dos sinais do léxico comum, os sinais-termo estão diretamente vinculados a campos específicos do conhecimento (PROMETI, 2020), o que exige do intérprete não apenas domínio linguístico, mas também familiaridade com as estruturas conceituais das áreas envolvidas. Nesse sentido, a presença de repertórios terminológicos sistematizados contribui para a redução de ambiguidades e para a produção de discursos mais precisos e coerentes.

A mediação linguística em contextos educacionais envolve a circulação de conceitos que, muitas vezes, não encontram correspondência direta entre Libras e Língua Portuguesa (Napier, 2004; Rodrigues, 2018). Nesses casos, os sinais-termo operam como dispositivos de articulação conceitual, permitindo que conteúdos acadêmicos sejam representados de forma mais adequada na língua de sinais.

Quando o intérprete dispõe de um repertório terminológico consistente, a mediação tende a ocorrer com maior precisão, favorecendo a compreensão por parte dos estudantes surdos. Por outro lado, a ausência desse repertório pode levar à simplificação excessiva dos conteúdos, ao uso recorrente de estratégias compensatórias, como paráfrase e explicitação (Santos, 2010), e à ocorrência de desvios conceituais, comprometendo o processo de aprendizagem.

Além disso, os sinais-termo desempenham função relevante na organização cognitiva do conhecimento, uma vez que possibilitam a estruturação de conceitos complexos em Libras (Quadros; Karnopp, 2004). Esse aspecto é particularmente significativo em contextos educacionais, nos quais a interpretação não se limita a eventos pontuais, mas acompanha processos contínuos de ensino e aprendizagem.

Sob a perspectiva dos Estudos da Tradução, os sinais-termo podem ser compreendidos como unidades que operam na interface entre linguagem e conhecimento, contribuindo para a

construção de equivalências conceituais — e não apenas formais — entre as línguas envolvidas (Jakobson, 1971; Eco, 2007). Essa compreensão desloca o foco da tradução como correspondência lexical para uma abordagem centrada na mediação de sentidos.

Dessa forma, a sistematização e o estudo dos sinais-termo configuram-se como elementos essenciais para o aprimoramento da prática interpretativa (Faulstich, 2012; Tuxi, 2017), especialmente em contextos educacionais bilíngues. Ao favorecer a precisão conceitual e a coerência discursiva, esses elementos contribuem para a qualificação da mediação linguística e para o fortalecimento do acesso ao conhecimento por parte dos estudantes surdos.

5. Implicações para a formação de intérpretes

A formação de tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais tem sido historicamente orientada por uma ênfase no desenvolvimento de competências linguísticas nas línguas de trabalho. No entanto, os desafios evidenciados na mediação de conteúdos especializados indicam que essa formação precisa ser ampliada, incorporando de modo sistemático o domínio terminológico e a compreensão conceitual das áreas do conhecimento envolvidas (Rodrigues, 2018; Santos, 2010).

Nesse contexto, a atuação do intérprete em ambientes educacionais demanda não apenas fluência em Libras e em Língua Portuguesa, mas também a capacidade de operar com conceitos acadêmicos, articulando linguagem e conhecimento de forma integrada. Essa exigência evidencia a necessidade de uma formação que ultrapasse a dimensão instrumental da língua e incorpore fundamentos teóricos dos Estudos da Tradução e da Interpretação.

Diante desse cenário, a inserção de estudos terminológicos na formação de intérpretes configura-se como uma demanda formativa relevante. O trabalho com sinais-termo, nesse contexto, contribui para o desenvolvimento de competências que articulam análise linguística, compreensão conceitual e tomada de decisão tradutória em situações reais de interpretação.

Além disso, a incorporação de propostas teórico-metodológicas, como a Unidade Terminológica Conceitual (UTCt), pode favorecer a construção de práticas formativas mais alinhadas às demandas da interpretação educacional. Ao possibilitar a articulação entre a estrutura conceitual dos termos e a visualidade da Libras, a UTCt contribui para a formação de intérpretes capazes de operar com maior precisão na mediação de conteúdos especializados.

Sob a perspectiva dos Estudos da Tradução, essa ampliação formativa implica reconhecer o intérprete como um agente de mediação do conhecimento, cuja atuação envolve a construção de sentidos em contextos específicos (Jakobson, 2000; Eco, 2007). Tal compreensão desloca o foco da formação centrada na equivalência linguística para uma abordagem que privilegia a competência interpretativa em sua dimensão conceitual.

Dessa forma, a formação de intérpretes de Libras deve ser compreendida como um processo que articula competências linguísticas, terminológicas e epistemológicas, de modo a garantir uma atuação mais qualificada em contextos educacionais bilíngues. A integração entre esses diferentes domínios contribui para o desenvolvimento de práticas interpretativas mais precisas, coerentes e alinhadas às demandas da educação inclusiva.

Considerações finais

A discussão desenvolvida neste artigo evidenciou que os sinais-termo desempenham papel central na articulação entre linguagem, conceito e conhecimento no contexto da educação bilíngue para surdos. Argumentamos que tais unidades não se restringem à função de nomeação, mas configuram-se como estruturas fundamentais para a representação de conteúdos especializados em Libras. Partindo do problema da insuficiente integração entre os estudos terminológicos e a prática interpretativa, o artigo buscou demonstrar que a ausência de sistematização terminológica compromete a precisão conceitual da mediação linguística e, consequentemente, o acesso ao conhecimento por parte dos estudantes surdos. A análise evidenciou que a atuação de tradutores e intérpretes de Libras envolve uma dimensão que ultrapassa a equivalência linguística, exigindo articulação entre competências linguísticas, conceituais e terminológicas, especialmente em contextos acadêmicos.

A partir desse quadro, destacou-se a relevância dos estudos terminológicos em Libras, com ênfase na criação e sistematização de sinais-termo como estratégia para a organização do conhecimento especializado. A distinção entre sinais do léxico comum e sinais-termo evidenciou a necessidade de abordagens que considerem a dimensão conceitual da linguagem na construção de repertórios bilíngues mais consistentes. Nesse contexto, a proposta da Unidade Terminológica Conceitual (UTCt) mostrou-se particularmente relevante ao oferecer um modelo que integra a estrutura conceitual dos termos à visualidade da Libras, contribuindo tanto para o ensino de português como segunda língua quanto para a qualificação da prática interpretativa. Do ponto de vista dos Estudos da Tradução, o artigo reforça a compreensão da interpretação como uma prática que envolve mediação entre sistemas linguísticos e epistemológicos distintos, aproximando-se de perspectivas que concebem a tradução como construção de sentidos.

Além disso, evidenciou-se que a formação de intérpretes de Libras necessita incorporar, de forma mais sistemática, o domínio terminológico e a análise conceitual, de modo a responder às demandas da interpretação em contextos educacionais. A articulação entre linguagem, Terminologia e conhecimento mostra-se essencial para o desenvolvimento de práticas interpretativas mais precisas e coerentes. Por fim, considera-se que a ampliação das pesquisas sobre terminologia em Libras, especialmente aquelas voltadas à criação, sistematização e validação de sinais-termo em diferentes áreas do conhecimento, pode contribuir significativamente para o fortalecimento da educação bilíngue e para a promoção do acesso ao conhecimento por parte da comunidade surda.

Como desdobramento, sugerem-se investigações futuras que aprofundem a relação entre terminologia, práticas interpretativas e formação profissional, bem como estudos aplicados que explorem o uso da Unidade Terminológica Conceitual em diferentes contextos educacionais e áreas disciplinares. A integração entre terminologia e tradução emerge, assim, como um campo promissor de investigação para as línguas de sinais, reafirmando a importância de que a mediação linguística não se reduza à transposição de formas, mas atue na construção de pontes conceituais entre diferentes sistemas de conhecimento.

Referências:

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de e CUNHA, M. J. C. **Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas**. Brasília, Editora: UnB, 2007.

AVELAR, T. F.; FREITAS, K. P. de S. **A importância do português como segunda língua na formação do aluno surdo**. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 12-24, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36688/20219>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 31 jan. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 31 jan. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 31 jan. 2018.

COSTA, Lauanda Beatriz Matos. **Formação do Intérprete de Libras - Língua portuguesa: a aquisição da(s) competência(s) interpretativa(s) nos cursos de graduação - bacharelado de**

universidades públicas federais do Brasil. 2024. 134 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

DORZIAT, Ana; ARAÚJO, Joelma Remígio. **O intérprete de língua de sinais no contexto da educação inclusiva: o pronunciado e o executado.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 18, n. 3, p. 391-410, jul./set. 2012.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução.** Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2007.

FAULSTICH, Enilde. **Harmonização linguística como um mecanismo de política de línguas, sob a ótica da lexicografia pedagógica bilíngue.** Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2013. Palestra.

FAULSTICH, Enilde. **Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez.** In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (Org.). **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais.** Goiânia: Cânone Editorial, 2007. p. 145-157.

FAULSTICH, Enilde. **Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários.** Brasília, DF, 2001. Disponível em: http://canaluniversitario.desenvolvimento.gov.br/monografias/ja_disponiveis.htm. Acesso em: 31 jan. 2018.

FELTEN, Eduardo F. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de Termos da História do Brasil.** 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2023.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 set. 2024.

JAKOBSON, Roman. **Aspectos linguísticos da tradução.** In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1971. p. 63-72.

LANE, Harlan; HOFFMEISTER, Robert; BAHAN, Ben. **A journey into the Deaf-World.** California: DawnSign Press, 1996.

LUCHI, Marcos. **A institucionalização de cursos superiores de formação de tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa no Brasil no decênio 2005/2015: o que os cursos esperam de seus alunos?** 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MOREIRA, Falk Soares Ramos. **Criação de sinais-termo: o conceito na descrição das estruturas sintáticas em português para surdos.** 2021. 120 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MOREIRA, F. S. R.; GARCIA, R. R. O. Ensino de português como segunda língua para Surdos: um estudo terminológico dos pronomes pessoais em LIBRAS. **Revista Espaço**, jan-jun 2018. Disponível em:

<<http://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/432/474>>. Acesso em: 17/06/2019.

NAPIER, Jemina. **Signlanguageinterpreting**: linguistics, cultureand social identity. Londres: St. Jerome Publishing, 2004.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta lexicográfica. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

OLIVEIRA, Janine Soares de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do Glossário Letras-Libras**. 2015. 425 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PROMETI, Daniela. **Terminologia da Língua de Sinais Musical**: um estudo do léxico visual bilíngue dos sinais-termo musicais. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2006.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras**: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. *Revista Translation*, Porto Alegre, n. 15, p. 197-222, jun. 2018.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. **Tradução e interpretação de língua de sinais**: deslocamentos nos processos de formação. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 145-164, 2010.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil**. *Revista Contingência*, Porto Alegre, v. 1, p. 1-10, nov. 2006.

TUXI, Patrícia. **A atuação do intérprete educacional no ensino fundamental**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

TUXI, Patrícia. **A terminologia na Língua de Sinais Brasileira**: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. 2017. 278 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

TUXI, Patrícia. **Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues - língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 557-588, jul./dez. 2015.

Recebido em: 30/04/2026
Aprovado em: 03/08/2026